

Marília Xavier Cury

Museóloga formada no Instituto de Museologia de São Paulo. Atuo na área de museologia e museus desde 1985, tendo trabalhado no Museu Municipal Família Pires, Estação Ciência, Museu Lasar Segall. Atualmente sou professora da Universidade de São Paulo, lotada no Museu de Arqueologia e Etnologia, onde ministro cursos, desenvolvo pesquisa e coordeno ações expográficas. Tenho diversos artigos publicados no Brasil e no exterior.

NOVAS PERSPECTIVAS PARA A COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA E OS DESAFIOS DA PESQUISA DE RECEPÇÃO EM MUSEUS*

Marília Xavier Cury

Resumo

Muito se fala em comunicação em museus e em comunicação museológica, sem os cuidados nas distinções entre os dois termos. O primeiro remete às ações em um museu e o segundo à subárea de conhecimento da museologia.

Os dois termos estão ligados, mas é a comunicação museológica que fundamenta as ações comunicacionais em museus, além de construir conhecimento teórico.

A abordagem contemporânea da comunicação define o lugar do público como sujeito do processo comunicacional. Dessa maneira, os pólos da emissão e da recepção se equilibram em termos do poder que possuem. Por outro lado, a abordagem coloca o cotidiano do visitante como lugar primordial para se pensar a comunicação, inclusive a museológica, considerando o deslocamento do foco dos meios para as mediações culturais.

O artigo tem como objetivo discutir novas abordagens comunicacionais para os museus, a partir de pressupostos fundamentados na comunicação museológica. Igualmente, será discutida a importância dos estudos de recepção para os museus e para o desenvolvimento de conhecimentos comunicacionais e museológicos.

Palavras-chave: Comunicação Museológica, Pesquisa de Recepção, Público de Museu

** Este artigo é uma síntese de outro, no prelo, elaborado para o MAST Colloquia 2008, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, Brasil.*

Museologia

A discussão sobre Museologia e seu objeto de estudo remete-nos ao ICOFOM – Comitê de Museologia do ICOM – Conselho Internacional de Museus, que, após da sua criação, tornou-se um dos principais “lugares” para a reunião da discussão sobre a disciplina. Outro “lugar” primordial para o debate e construção de conhecimento em Museologia passou a ser a universidade de forma especial e particular, sobretudo nos anos recentes.

No contexto do ICOFOM, em 1980 Zbynek Z. Stránsky, propõe que museologia seja entendida como o estudo da relação específica do Homem com a Realidade, tendo como objeto

[...] uma abordagem específica do homem frente à realidade, cuja expressão é o fato de que ele seleciona alguns objetos originais da realidade, insere-os numa nova realidade para que sejam preservados, a despeito do caráter mutável inerente a todo objeto e da sua inevitável decadência, e faz uso deles de uma maneira, de acordo com suas próprias necessidades.

(apud MENSCH, 1994, p. 12)

A proposição de Stránsky foi bem aceita por outros integrantes do ICOFOM. Em 1981, Anna Gregorová, corroborando com Stránsky, acrescenta que museologia é

[...] ciência que estuda a relação específica do homem com a realidade, que consiste na coleção e conservação intencional e sistemática de objetos selecionados, quer sejam inanimados, materiais, móveis e principalmente objetos tridimensionais, documentando assim o desenvolvimento da natureza e da sociedade e deles fazendo uso científico, cultural e educacional.

(apud MENSCH, 1994, p. 12)

Posteriormente, e seguindo essa proposição, Peter van Mensch, comenta que museologia é:

[...] uma abordagem específica do homem frente à realidade, cuja expressão é o fato de que eles selecionam alguns objetos originais da realidade, inserindo-os numa nova realidade para que sejam preservados, a despeito do caráter mutável inerente a todo objeto e da sua inevitável decadência, e faz uso deles de uma nova maneira, de acordo com suas próprias necessidades.

(MENSCH, 1994, p. 12)

No contexto do Brasil, essa proposição foi trabalhada por Waldisa Russio Camargo Guarnieri – igualmente membro do ICOFOM. Para essa autora museologia é a ciência que tem como estudo o fato museológico:

Fato museológico 'é a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem poder de agir' – relação esta que se processa num cenário institucionalizado chamado museu.

(1990, p. 7)

A proposição de Stránsky incorporada por diversos autores tornou-se uma tradição (ou modelo) que pode ser sintetizada no ternário HOMEM, OBJETO e MUSEU ou H x O x M. O ternário representa a relação entre o homem e a realidade mediada pelo objeto musealizado.

O ternário é replicado, em uma outra versão, para atender à nova museologia. É réplica como outra reprodução e como resposta às novas demandas da museologia e seu contexto de aplicação fora dos muros do que podemos denominar como museus tradicionais. Nesse sentido, o ternário é constituído pela SOCIEDADE, o PATRIMÔNIO e o TERRITÓRIO, ou S x P x T.

O Campo museológico trata do ternário em seu conjunto ou a partir de um de seus aspectos, sem perder de vista o todo trológico. Assim, a produção em museologia pode ser considerada aquela em que o objeto de estudo trata do ternário, mesmo que considerando uma de suas partes, sem perder, no entanto, a perspectiva do todo. Talvez este seja um dos pontos para discernirmos sobre a produção em museologia da produção de outras áreas que se aproximam do ternário ou de um de seus pontos constitutivos, mas com outras problemáticas. Essas áreas, certamente, contribuem com a museologia trazendo outros elementos, argumentos, teorias e conceitos, ampliam os limites da e uma crítica sobre a disciplina museológica, trazendo contribuições que poderão ser apropriadas pelo campo, transformando-o. De outra forma, essas mesmas áreas e/ou outras que, inseridas no ternário – no todo ou em um de seus pontos constitutivos –, produzem museologia, participando dela. Sem perder sua identidade original, essa outra área se identifica com os discursos museológicos, sentindo-se parte dele. As contribuições para ou participações de outras áreas na museologia acontecem na multidisciplinaridade ou na interdisciplinaridade. Como a museologia é uma transdisciplina em formação, à semelhança da área de comunicação, a aproximação e reciprocidade com outras áreas é essencial para a construção da transversalidade, da estrutura epistemológica transdisciplinar e do quadro teórico-conceitual.

A museologia, há décadas, deslocou o seu objeto de estudo dos museus e das coleções¹ para o universo das relações, como: a relação do homem e a realidade; do homem e o objeto no museu; do homem e o patrimônio musealizado; do homem com o homem, relação mediada pelo objeto. Esse universo de relações deve ser enfrentado na perspectiva transdisciplinar dada a sua complexidade. Se a museologia é disciplina com objeto de estudo, o enfrentamento desse objeto deve ocorrer com clareza e com bases teóricas fundamentadas nas ciências humanas e sociais.

Museografia e gestão

No ternário HOMEM, OBJETO E MUSEU o museu adquire uma posição fundamental, pois se constitui no cenário que permite a relação entre o homem e a realidade de uma forma particular. O museu é um cenário construído e sua construção processual denomina-se museografia.

A museografia abrange toda a práxis da instituição museu, compreendendo administração, avaliação e parte do processo curatorial (aquisição, salvaguarda e comunicação).

A gestão museológica organiza a práxis formando o cotidiano institucional que opera no tempo. A gestão museológica faz as ações museográficas atuarem em sinergia, como um sistema que opera com atividades meio e fim. A administração é atividade meio que dá suporte ao processo curatorial, ações fim em torno do objeto museológico.

O museu como um sistema é o conjunto de procedimentos metodológicos, infra-estrutura, recursos humanos e materiais, técnicas, tecnologias, políticas, informações, procedimentos e experiências necessários para o desenvolvimento de processos museais.

Processo curatorial

O conceito de curadoria foi se alterando no decorrer do tempo e, mesmo hoje, há diferentes concepções em lugares, instituições, regiões ou países diferentes. Não raro, em uma mesma instituição encontramos distintas formas de entender, tratar e fazer curadoria.

¹ Mensch, 1994, discrimina essas tendências ora superadas: *Museologia como o Estudo da Finalidade e Organização de Museus; Museologia como o Estudo da Implementação e Integração de um Conjunto de Atividades Visando à Preservação e Uso da Herança Cultural e Natural; Museologia como o Estudo dos Objetos de Museu, Museologia como Estudo da Musealidade.*

Uma forma contemporânea de entender curadoria seria aquela elaborada por Ulpiano Bezerra de Meneses. Para esse autor

[...] curadoria é o ciclo completo de atividades relativas ao acervo, compreendendo a execução e/ou orientação científica das seguintes tarefas: formação e desenvolvimento de coleções, conservação física das coleções, o que implica soluções pertinentes de armazenamento e eventuais medidas de manutenção e restauração; estudo científico e documentação; comunicação e informação, que deve abranger de forma mais aberta possível, todos os tipos de acesso, apresentação e circulação do patrimônio constituído e dos conhecimentos produzidos, para fins científicos, de formação profissional ou de caráter educacional genérico e cultural (exposições permanentes (sic) e temporárias, publicações, reproduções, experiências pedagógicas, etc.).

(USP, 1986)

Curadoria ou processo curatorial é uma das formas de se entender o trabalho do museu, agora a partir da cadeia operatória em torno do objeto. A partir desta concepção o papel do curador se amplia, ou seja, são curadores todos aqueles que participam do processo curatorial.

Em síntese, esse processo é constituído pelas ações integradas (realizadas por distintos profissionais) por que passam os objetos em um museu, denominados objetos museológicos ou museália, conforme definido por Stránský em 1969.

As ações do processo curatorial são: Formação de acervo, pesquisa, salvaguarda (conservação e documentação museológica), comunicação (exposição e educação). Apesar de ser cadeia operatória, não deve ser entendido como sequência linear, o que o caracterizaria como estrutura estática, mecânica e artificial. Ao contrário, uma visão cíclica seria a melhor representação do processo, visto a interdependência de todos os fatores entre si e a sinergia que os agrega e que agrega valor dinâmico à curadoria. Se um museu deve ser dinâmico, igualmente deve ser o processo curatorial.

O processo curatorial organiza o cotidiano em torno do objeto museológico, mas traz à luz do processo um outro elemento constitutivo do que entendemos ser o museu: o público. O público é o receptor dos museus e do patrimônio cultural musealizado e traz consigo, como sujeito ativo, uma participação no processo curatorial.

Avaliação museológica e pesquisa de recepção

Para os museus, a avaliação museológica está ligada ao projeto de gestão. O projeto de gestão integra organicamente a museografia com o processo curatorial. O projeto de gestão também unifica, de modo a operar com eficiência, as atividades meio com as atividades fim. A avaliação museológica é parte inerente do projeto de gestão,

pois traz à luz da consciência o andamento das estratégias, métodos, técnicas, ações propostas, posições, comportamentos etc. É a avaliação que unifica o cotidiano do museu ao projeto de gestão, ajustando-os reciprocamente para a eficiência e a eficácia. Para tanto, a avaliação deve ser praticada em todo o museu e atingir diferentes níveis e planos, envolvendo seus atores (público interno e externo), ou seja, avaliar os métodos e estratégias, ações, atividades, produtos e serviços. A avaliação alimenta, ajusta, adequa, corrige..., faz o sistema andar em direção aos objetivos traçados e aos propósitos institucionais.

Com o plano museológico o sistema opera plenamente na interdependência de elementos e na sinergia, na globalidade onde o todo é maior do que a soma das partes. Planejamento é pensar e agir, sendo que a avaliação move o processo nos limites definidos pela equipe de profissionais e cria uma consciência sobre o processo e a tomada de decisão. Unificação das ações, construindo o cotidiano institucional e uma rotina afinada com os propósitos institucionais e com as finalidades museais.

A avaliação serve ao museu para organização do cotidiano, reflexão sobre cultura de trabalho, construção de conhecimento prático e para a implementação de uma inteligência da práxis. Porque serve ao museu, a avaliação está no domínio da museografia.

Para a museologia, a avaliação museológica² passa a ser pesquisa ou estudo de recepção, ou seja, ela deixa de ser avaliação de processos e resultados – para alimentar, corrigir e ajustar o projeto de gestão, fazê-lo acontecer, enfim –, e passa a ser estudo de recepção, das formas de uso que o público faz do museu e das interações geradas pelas exposições, em face das mediações culturais. A pesquisa de recepção de público é importante para o museu, porque são os usos que o público faz dele que lhes dão forma social. A pesquisa de recepção é fundamental para a museologia porque é uma das possibilidades de produção de conhecimento e construção teórica.

Porque a pesquisa de recepção ocorre na relação do público com o patrimônio musealizado, o campo para a construção de experimentos empíricos de coleta e análise de dados é a museografia, campo autônomo e auxiliar como é a etnografia para a antropologia. Por outro lado, o campo para a construção da interpretação dos dados coletados e analisados – transpondo esses dados descritivos para um contexto compreensivo e teórico – é a museologia. Sendo assim, e referenciando-nos no Quadro Geral da Disciplina Museologia, a avaliação museológica é um item

² *A avaliação museológica é uma denominação (ou termo) que engloba, até então, todos os estudos com público realizados no contexto do museu, inclusive aqueles relativos a produção científica.*

da Museologia Aplicada, ao passo que a recepção enquadra-se perfeitamente e honestamente na Museologia Geral.

Museologia, museografia e musealização

Houve um tempo que museografia e museologia eram a mesma coisa, hoje elas se diferenciam.

O cenário museu é onde se dá a construção museográfica, campo prático do museu e auxiliar da museologia. O “lugar” da museografia é no museu, o tradicional ou outras formas, na sua estruturação administrativa, técnica, política e metodológica. O “lugar” da museologia é onde estão as relações do homem com o patrimônio cultural e a posição da museologia está na construção de conhecimento para compreensão do fato museológico.

O processo de musealização aproxima a museografia e a museologia porque descreve (o quê), especifica (para quem) e analisa (como) o processo no qual a sociedade atribui o status patrimonial a determinados objetos e preserva-os para distintos usos (BRUNO, 2007, p. 147).

Por outro lado, e a partir da definição de Guarnieri, podemos entender o fato museológico como um processo comunicacional, numa perspectiva da interação entre o museu e a sociedade. Para tanto, o museu vai de encontro à cultura ao assumir que a significação da mensagem museal é uma construção cultural que acontece a partir das mediações do cotidiano do público visitante, ou seja, o cotidiano cultural sustenta a interpretação do público, da mesma forma que o receptor (o visitante de museu) é construtor ativo de sua própria experiência museal. Dessa maneira, a exposição é o local de encontro e negociação do significado museal (a retórica) e do meio (a exposição mesma) para a interação, como diálogo e exercício de tolerância, onde há reciprocidade entre museu e público.

A pesquisa museológica, na forma como apresentamos, é pesquisa de recepção de público de exposição e de outras ações de comunicação, onde o processo museal todo é revisto, revisitado a partir do ângulo de visão do público.

A museografia (da qual a expografia faz parte), aqui entendida como conjunto de ações práticas que existem e acontecem em sinergia sistêmica – a práxis museal – é campo de conhecimento autônomo ligado ao museu – a instituição –, ao mesmo tempo que auxiliar da museologia – a disciplina. Então, a museografia é o suporte que a pesquisa de recepção em exposições necessita para se realizar como pesquisa em museologia, porque corrobora na construção do experimento investigativo e análise e interpretação dos dados coletados. Então, ao invés de fazer a etnografia de

uma exposição devemos fazer a museografia da mesma.

Museografia está para a museologia, assim como a etnografia está para a antropologia. Isso é um dos pontos que queremos pôr em discussão.

Pesquisa em Museologia

A pesquisa em museologia pode se dar a partir de distintas perspectivas, tanto as de caráter processual, metodológica e historiográfica quanto as teóricas, sendo que as possibilidades de abordagens não são excludentes.

A pesquisa teórica em museologia, por seu lado, pode se dar a partir de distintas visões epistemológicas e paradigmáticas.

A pesquisa de recepção é, no entanto, uma possibilidade de problematização do fato museológico (relação do homem e o objeto mediada pelo museu, qualquer que seja o seu formato), aprendendo a identificá-lo e a delimitá-lo na realidade empírica, apreendendo-o. Em síntese, a aproximação das áreas de comunicação e recepção para possibilitar o posicionamento do cotidiano do público e suas interpretações e significações junto ao universo patrimonial das coisas musealizadas. Também, entender como as mensagens museológicas são apropriadas, reelaboradas e inseridas no cotidiano do público visitante, ou seja, como as mensagens museológicas são veiculadas na vida das pessoas e qual o impacto sociológico dessa veiculação. Dos meios às mediações – proposição de Jesus Martín-Barbero (1997) – consiste no deslocamento dos estudos de recepção dos meios (no caso do museu, a exposição) para as mediações culturais, desde onde as mensagens museológicas fazem sentidos e onde elas passam a ter importância ou caem no esquecimento. Com isto e a partir desta perspectiva, deslocam-se as nossas atenções do museu como meio para as mediações que ocorrem no cotidiano do público visitante. Isto não significa mudança de objeto de estudo – o fato museológico como apresentado –, mas sim entender essa mudança como um novo “lugar metodológico”. Dessa maneira, desloca-se o foco de análise do museu para o cotidiano das pessoas e distingue-se com clareza a museologia da museografia, sem necessariamente separá-las.

Nesse sentido, duas iniciativas se fazem necessárias:

- 1- criar um quadro teórico-metodológico que sustente as pesquisas de recepção em face de hipóteses museológicas, que são distintas de outras hipóteses de outras áreas, mesmo que o objeto de análise seja o museu e/ou seu público.
- 2- construção de uma teoria compreensiva da relação do público com o patrimônio cultural musealizado, partindo da construção de um conjunto de dados descritivos sobre a relação do público com o patrimônio musealizado – o que inexistia, visto que

o que há é incipiente – em direção à um quadro teórico que explique a descrição. Para finalizar, é importante discernirmos entre pesquisar o e pesquisa no. Pesquisar um contexto é diferente de pesquisar no contexto. O contexto é o museu. Pesquisar o museu é tarefa do plano de gestão, é a avaliação a serviço da gestão e da produção de conhecimento oriundo da reflexão sobre a práxis, visando à construção de uma inteligência prática. Pesquisar no museu é outra forma de produção de conhecimento que transcende o cotidiano institucional. Consiste em, a partir da definição de um objeto de estudo, construir conhecimento teórico museológico. Nestas perspectivas estão presentes as correlações entre museografia e museologia. Os contextos para a pesquisa museológicas são inúmeros, superando o espaço do museu tradicional. A museologia está se “libertando” dos museus tradicionais e, com isto, ampliando a concepção de cenário e da idéia do que seja museu. Com isto, outras transformações são possíveis, a própria museologia se transformando e se construindo de uma forma dinâmica e acadêmica.

Bibliografia

Bruno, Maria Cristina Oliveira (2007), *Museological action`s main fields. Sociomuseology*. Lisboa: Edições Universotárias Lusófonas, p. 145-151.

Chagas, Mario d Souza (1996), *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora. 124 p.

Cury, Marília X (2005a), *Comunicação museológica. Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção*, Tese de Doutorado, ECA/USP.

Cury, Marília Xavier (2005 b), *Museologia. Marcos referenciais*. Cadernos do CEOM. Chapecó: Argos, n. 21, p. 45-73.

Guarnieri, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1990), *Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação*. Cadernos Museológicos. Rio de Janeiro: IBPC, n. 3, p. 7-12, 1990.

Martín-Barbero, Jesús (1997), *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 360 p.

Mensch, Peter van (1994), *O objeto de estudo da Museologia*. Tradução de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO, 22 p. (Prétextos Museológicos, 1).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Relatório elaborado pela Comissão designada pela Portaria GR.2073 de 15/07/1986. Arruda, José Jobson de Andrade (Org.).